

A veia pragmática do Inumanismo

Cássia Siqueira

Resumo:

Este artigo apresenta o Inumanismo racionalista como uma corrente filosófica que se constitui através de um comprometimento diligente com o ideário humanista somado a uma concepção pragmática e social de razão. A primeira parte se encarrega de explicar o que iremos entender como inumanismo por contraste com outras tendências políticas e filosóficas que também começam a se delinear mais nitidamente a partir do “contexto” aceleracionista: o pós-humanismo (crítico e especulativo) e o trans-humanismo. Uma vez realizada essa clarificação, abordaremos de forma mais detida o projeto inumanista de Reza Negarestani, primeiro como enunciado em “Labour of the Inhuman”, objeto primário deste artigo. Em seguida, abordamos sua posterior autocrítica publicada em seu blog Toy Philosophy. Esta crítica introduz de forma incipiente a principal diferença entre o projeto de “Labour of the Inhuman” e o de *Intelligence and Spirit*. Com isso, pretende-se, ao final, esclarecer a posição do inumanismo enquanto resposta programática ao Iluminismo, que visa atualizá-lo conforme um projeto orientado pela noção fundamentalmente construtível e revisável de razão.

Palavras-Chave: Inumanismo; Neo-racionalismo; Pragmática; Aceleracionismo; Reza Negarestani

Abstract:

This article presents rationalist Inhumanism as a philosophical current that is constituted through a diligent commitment to the humanist ideology added to a pragmatic and social conception of reason. The first part is in charge of explaining what we will understand as inhumanism in contrast to other trends political and philosophical that also begin to delineate more sharply from the accelerationist “context”: posthumanism (critical and speculative) and trans-humanism. Once this clarification has been accomplished, we will approach Reza Negarestani's inhumanist project in a more detailed way, first as stated in “Labor of the Inhuman”, the primary object of this article. Then, we discuss his later self-criticism published on his blog Toy Philosophy. This criticism incipiently introduces the main difference between the “Labor of the Inhuman” project and that of *Intelligence and Spirit*. With this, it is intended, in the end, to clarify the position of inhumanism as a programmatic response to the Enlightenment, which aims to update it according to a project guided by the fundamentally constructable and revisable notion of reason.

Keywords: Inhumanism; Neorationalism; Pragmatics; Accelerationism; Reza Negarestani

Este artigo procura investigar a ideia de inumanismo como um desdobramento do Iluminismo, entendido enquanto um programa contínuo e estendido. O ponto de partida para essa abordagem será o artigo “Labor of the Inhuman”, publicado em 2014 por Reza Negarestani. Sustentaremos aqui que o cerne do *projeto* inumanista se encontra numa atitude de *intervenção*, manifestada na luta constante por um conteúdo adequado para o conceito de humano. Ao longo do texto é justificado o motivo dessa luta se iniciar por uma *investigação pragmática* das ramificações resultantes de nossos comprometimentos ao dizer que somos humanos. E também o motivo de ela funcionar como forma de superação do anti-humanismo e de uma servidão cognitiva presentes em diversas formas do pensamento político e filosófico recentes, principalmente no que Negarestani chama de *marxismo kitsch*. Todo esse processo demanda uma compreensão adequada da estrutura organizacional e funcional da prescrição, e dos sistemas de descrição que precisam ser tornados explícitos pela mediação de um trabalho coletivo. Como humanos, é preciso que nós entendamos apropriadamente como estamos e de que forma viemos a assim estar, para só então sabermos o que fazer e como fazer para nos transformarmos de acordo com o que devemos ser, de acordo com a coletivização compulsória da razão.

A primeira parte se encarrega de explicar o que iremos entender como inumanismo por contraste com outras tendências políticas e filosóficas que também começam a se delinear mais nitidamente a partir do “contexto” aceleracionista e em resposta ao problemas levantados pelo humanismo iluminista. Peter Wolfendale as identifica “Reformatting the Homo Sapiens” como *pós-humanismo* (crítico e especulativo), o *trans-humanismo*. Todas as três exibem uma atitude negativa quanto ao que Wolfendale denomina a partir de Wilfrid Sellars como a *imagem perene* do humano. A imagem perene será tomada aqui em seu estado atual de desenvolvimento, no qual há um entrincheiramento da definição de pessoa no persistente dualismo cartesiano corpo-alma, entendendo que esse aspecto não é invariante por definição. Nesta seção trataremos brevemente do pós-humanismo crítico e de sua proposta de *desconstrução* do humano; do trans-humanismo como programa de auto-aprimoramento da espécie humana por meio de próteses tecnológicas; e do pós-humanismo especulativo, articulado por David Roden (de certa forma, em resposta ao trans-humanismo) através de sua concepção de agência desconectada da racionalidade.

Uma vez realizada essa clarificação, abordaremos de forma mais detida o projeto inumanista de Negarestani, primeiro como enunciado em “Labour of the Inhuman”, objeto primário deste artigo. Essa exposição passará por quatro momentos: (a) uma introdução geral ao projeto; (b) seu vínculo com a pragmática inferencialista de Robert Brandom, apoiado nas noções de descrição, prescrição, comprometimento e contagem de pontos deôntica [*deontic score-keeping*]; (c) as implicações éticas e políticas desse projeto, sua relação com o aceleracionismo de esquerda e sua oposição ao marxismo *kitsch*; (d) e o porquê de um real comprometimento com o humano ser também, em última instância, um comprometimento com o inumano.

Em seguida, abordamos sua posterior autocrítica publicada em seu blog Toy Philosophy. Esta crítica introduz de forma incipiente a principal diferença entre o projeto de “Labour of the Inhuman” e o de *Intelligence and Spirit*, livro de Negarestani publicado no final de 2018 e que, além de detalhar seu projeto inumanista enunciado em LotI, se ocupa com as implicações de sua crítica. Ela se baseia no reconhecimento dos equívocos produzidos ao abordar a *socialidade* como um substantiva ou dotada de uma substância, como Robert Brandom parece fazer. Em linhas gerais, essa abordagem supostamente gera devido à ênfase colocada em sua dimensão substantiva sob a ideia de *contagem de pontos deôntica* [*deontic score-keeping*]. *Intelligence and Spirit* é uma tentativa de reabilitar o projeto de construção de uma racionalidade normativa desvinculada do substrato humano como espécie natural, a partir da tratabilidade adquirida pela razão uma vez analisada sob a dimensão *formal* da socialidade.

Com isso, pretende-se, ao final, esclarecer a posição do inumanismo enquanto resposta programática ao Iluminismo, que visa atualizá-lo conforme um projeto orientado pela noção fundamentalmente *construtível e revisável de comum*. É útil adiantar que isso não torna o racionalismo inumano um projeto ou doutrina política por si próprio, ele é antes um programa de acesso e transformação normativa que demanda clarificação conceitual prévia, mas que não para por aí: essa “etapa” é necessária porque só a partir dela se torna possível traçar estratégias coletivas que objetivam transformações efetivas na constituição material do mundo e dos próprios agentes. O inumanismo como um racionalismo abstrai as ideias de razão, inteligência e agência do humano enquanto espécie, minando uma possível associação essencialista entre eles. Isso impede que as ilusões epistêmicas de supostas totalidade históricas se entranhem em nossa imagem de mundo, como

se fosse possível declarar de uma vez por todas algo como um fim da história. A seguir irei apresentar contrapontos contemporâneos ao racionalismo inumanista que também procuram lidar com o problema da perenidade de *uma* imagem - ao mesmo tempo estável e contingente - do humano.

Peter Wolfendale em *Reformatting the Homo sapiens* fornece um quadro explicativo de três principais teorias contemporâneas que surgem em resposta aos problemas colocados pelo Iluminismo, são elas: o pós-humanismo, trans-humanismo, e o racionalismo inumano¹, que será abordado de forma mais detida na próxima seção, ainda que a visão do próprio Wolfendale seja apresentada de forma breve aqui. O fio condutor de análise em “*Reformatting the Homo Sapiens*” é o modo com o qual cada uma das teorias mencionadas lida com a imagem perene do humano, assim como sua relação com a formação de autoconsciência cultural. A imagem perene do humano se constitui a partir de descrições entrincheiradas e manifestas que se ocupam de especificar aquilo que distingue o humano dos outros animais. Podemos reconhecer a racionalidade como essa especificidade, mesmo que, na imagem perene, ela seja presentemente guiada pela inflação da imagem manifesta² do humano no mundo como possuindo *substrato real* e capacidade completa de explicação. As interpretações majoritárias dessa afirmação incorreram na inadequada e precipitada conclusão de que toda racionalidade tem na espécie humana seu alicerce natural e necessário. Além disso, o estado atual da imagem perene alegadamente mantém subrepticiamente o dualismo cartesiano como aspecto constituinte, apesar da profusão dos pensamentos que procuram desmantelá-lo, sejam filosóficos ou não.

O pós-humanismo, segundo Wolfendale, parece afirmar um tipo de agência que ultrapassa a racionalidade, uma vez que é posicionada com um status metafísico como aquilo que é

¹ O pós-humanismo, na verdade, pode ser dividido em pós-humanismo crítico e pós-humanismo especulativo. Wolfendale não dedica muito tempo ao pós-humanismo especulativo, mencionando-o apenas em uma nota de rodapé onde comenta que o termo é usado por David Roden ao descrever sua empresa em seu livro *Posthuman life*. No entanto, essa variante do pós-humanismo será tomada aqui em maior importância, uma vez que Roden figura como contra-exemplo paradigmático utilizado por Reza Negarestani em *Intelligence and Spirit*.

² Em *Philosophy and the Scientific Image of Man*, Wilfrid Sellars estabelece sua célebre distinção entre as imagens científica e manifesta do humano no mundo. Ambas são idealizações de caráter explicativo/descritivo (respectivamente, a grosso modo) capazes de “iluminar a dinâmica interna do desenvolvimento de ideias filosóficas, como idealizações científicas iluminam o desenvolvimento de sistemas físicos” (SELLARS, 2007, p.374). A imagem manifesta se apresenta como uma sofisticação do senso comum, que fornece um quadro de referência correlacional utilizado para descrever aspectos do ser humano em seu “encontro consigo mesmo” (cf. idem, p.). A imagem científica, por sua vez, se ocupa de explicar o que salta à superfície da imagem manifesta nos termos de entidades postuladas, a princípio imperceptíveis mas que de alguma maneira são responsáveis pela constituição interna daquilo que nos permite nos encontrar enquanto humanos.

imane a todas as coisas. O humano é apenas um obstáculo a ser superado, ou ultrapassado, mas que ao mesmo tempo tem esse movimento impossibilitado justamente por se inserir num quadro metafisicamente inflacionado e intratável. Os conceitos de humano e de razão pretendem ser desconstruídos imanentemente, supostamente “corrigindo” o humanismo ao mesmo tempo em que mantém seus pressupostos mais basais: uma noção substancial do humano e uma noção metafisicamente ingênua de razão.

Em essência, a resposta do pós-humanismo crítico à imagem perene é desvincular nossa animalidade dos constrangimentos da racionalidade: afirmando a agência do não-humano, dividindo egos em multidões e rejeitando valorações universais. No entanto, a animalidade generalizada, na qual isso é predicado, quase inevitavelmente demanda elaboração metafísica, e é por essa razão que o pós-humanismo crítico forma alianças naturais com a teoria ator-rede, novo materialismo, e outros neovitalismos que transformam as surpreendentes, teimosas e auto-organizadoras características de coisas materiais em uma agência inumana compartilhada pelo pós-humano e pelo não-humano.(WOLFENDALE, 2019)

A necessidade que faz emergir o pós-humanismo crítico é legítima, pois pretende desconstruir as bases de um antropocentrismo difuso naquilo que Wolfendale chama de autoconsciência cultural: a história das formas do reconhecimento de *nós* mesmos. Apesar disso, se vale de postulados metafísicos justamente ao tentar se livrar do dualismo substancial cartesiano de corpo e mente, reificando essa forma dual como uma instância real a ser sucedida por outra, supostamente não-dual. A agência não-humana do pós-humano é uma inflação do anímico, e desse ponto de vista problemática, pois ao invés de servir como ponte para uma autoconsciência aumentada, periga descambar em niilismo cultural (se tudo é dotado de agência, o próprio conceito de agência se esvazia) : especulações que não encontram tração nas dimensões teórica, prática e axiológica do modo de organização do humano, seja lá como é compreendido. Se formos levar essa perspectiva às suas últimas consequências, não conseguiríamos discernir qualitativamente inteligência e vida, já que a inteligência se estenderia por uma superfície plana que abarca tudo aquilo que vive, sem descontinuidade funcional ou estrutural³.

³ Traços disso se encontram presentes, por exemplo, na filosofia de Graham Harman e em sua Ontologia Orientada a Objetos (OOO).

Ao invés de procurar meios para a ampliação do conceito de humano, o pós-humanismo o encara como algo a ser superado, uma vez que os limites de sua extensão são aceitos como totalidade opaca e irretocável. Do ponto de vista do racionalismo inumano, essa característica é o que faz com que o pós-humanismo (tanto o crítico quanto o especulativo, como veremos) se traduza em um anti-humanismo, pois não admite transformações no que entendemos por humanidade, servindo-se de uma ideia paroquial⁴ dela, falhando em se livrarem da imagem perene do humano. Em resumo, a ocorrência do Iluminismo como um evento situado na história é totalizada em seu aspecto estacionário, negando o seu status de projeto em curso e sujeito a revisões. Esse diagnóstico é realizado tanto pelo pós-humanismo crítico quanto pelo pós-humanismo especulativo, cujo cerne pode ser encontrado na tese da desconexão de David Roden.

David Roden, ao formular sua *tese da desconexão*, postula a existência de *inteligências artificiais hiperplásticas*⁵ num experimento de pensamento que visa dar conta da diferença entre humano e pós-humano através de uma *radical desconexão entre essas duas partes*. Embora na visão de Roden a sucessão do que se entende como humano venha por meios tecnológicos, a diferença entre os dois não pode ser esgotada nem por uma investigação científica, cultural ou histórica. Embora guarde similaridades com o trans-humanismo, o pós-humanismo especulativo de Roden afirma que “poderiam haver pós-humanos. Isso não implica que pós-humanos seriam melhores do que humanos ou mesmo que suas vidas seriam comparadas de uma perspectiva moral única” (RODEN, 2015, p.5).

No limite, é possível que o que Roden entende por agência pós-humana não encontre nenhum lugar de explicação racional, e portanto é impossível (até segunda ordem) um conhecimento adequado de tal por parte do ser humano. Talvez seja possível dizer que, embora Roden seja um crítico do *humanismo transcendental* que nasce com Immanuel Kant, sua concepção de pós-humano mantém um aspecto numenal: a impossibilidade potencial de ser sondado e conhecido. E

⁴ Aplica-se comumente o predicado “paroquial” a uma determinada ideia, concepção ou doutrina cujos limites se impõem a quem do escopo que elas podem adquirir a partir de um tratamento adequado.

⁵ Um outro exemplo é a centopeia humana de Churchland. Organismos idênticos a humanos com o diferencial de que possuem a capacidade de transmitir informações e estados mentais numa rede que os abrange como um todo. Se a privacidade é característica necessária dos seres humanos, essa hipótese considera a possibilidade de uma alteração mental tecnológica que permitiria essa transmissão inter-orgânica. Isso se deveria ao mesmo princípio que possibilita a comunicação entre os hemisférios do cérebro quando a *corpus callosum* (fibra neural responsável por essa função) está ausente: uma espécie de aprendizado cuja possibilidade é tecnologicamente adquirida.

pode não ser adequadamente conhecido porque existe uma descontinuidade entre o estado inicial e os subsequentes estados comportamentais de inteligências pós-humanas, tornando inefetivas quaisquer tentativas de teorização preditiva destes uma vez que participam de uma dimensão temporal diferente da nossa, o tempo tecnológico profundo. Comprometer-se com essa ideia é pôr em risco a efetividade de quaisquer tentativas de prescrição prática.

Segundo essa visão, uma inteligência pós-humana pode existir mesmo não requisitando quaisquer paralelos com o que *nós* entendemos como inteligência. Nesse caso *não poderíamos dizer* que essa inteligência se orienta por qualquer normatividade que seja pois, além de poder se tratar de uma normatividade inacessível ao nosso aparato tecnológico e linguístico, pode não haver normatividade alguma em jogo, uma vez que isso deixa de ser critério necessário para identificação de comportamento inteligente. Tampouco as capacidades de conferir conteúdo conceitual e de se reconhecer como parte de uma comunidade qualquer figuram mais como marcas de uma inteligência possível. Isso faz com que esse tipo de agência caia sob o que Roden chama de “*dark phenomenology*”: é possível ter dela uma experiência ainda que não existam métodos e tecnologia o suficiente para descrevê-la no momento. Uma naturalização da fenomenologia que mantém seu caráter empírico, metodológico e descritivo ao mesmo tempo que retira dela qualquer autoridade transcendental⁶. É certo que a inteligência, da maneira como aqui a entendemos, pode ser tomada como aquilo que distingue o animal humano de animais não-humanos, mas não em virtude de uma suposta essência ou télos específicos. E nesse sentido, uma concepção da agência pós-humana como definitivamente desconectada ou *desvinculada* de nossa imagem manifesta pode se mostrar incompatível com a possibilidade de *nos relacionarmos* com esse tipo de agentes descritos *como* agentes inteligentes.

O transhumanismo por sua vez é descrito por Wolfendale como uma alternativa popular ao pós-humanismo crítico, enquanto ao mesmo tempo também figura como objeto de crítica por Roden em *Posthuman Life*.

⁶ Cf. RODEN, David. “Nature’s domain: An argument for a naturalized phenomenology”. Royal Institute of Philosophy Supplement, 72, pp.169-188. Cambridge: Cambridge University Press, 2013

A similarly popular alternative to critical posthumanism is the project of transhumanism, which aims to explore the practical possibilities for self-enhancement provided by the posthuman condition – empirical modification of homo sapiens and technological expansion of our cognitive capacities – and to elaborate their normative consequences (...) the key opposition between them and critical posthumanism lies in their retention and extension of elements of classical humanism in their visions of transhuman agency, disembodied selfhood, and the universal value of selfcultivation. (WOLFENDALE, 2019)

Os trans-humanistas comumente mantêm não-questionados os pressupostos mais paroquiais e conservadores a respeito do que seja a humanidade: sua constituição biológica local e o dualismo corpo/alma. Não há objetivo de desmistificar ou superar essas concepções paroquiais das quais já falamos. Ao invés disso, os pós-humanistas propõem a realização crescente de aprimoramentos protéticos possibilitados pela aceleração dos avanços tecnológicos no conjunto de áreas do conhecimento reunidos sob a sigla NBIC: Nanotecnologia, biotecnologia, tecnologia da informação e ciência cognitiva. De todas as perspectivas analisadas aqui, o trans-humanismo talvez seja a que mais negligencia o caráter problemático do estado atual da imagem perene, reforçando sua validade e uma suposta necessidade de “melhorias” tecnológicas em forma de acoplamentos e desacoplamentos⁷ alegadamente benéficos mas que não proporcionam transformação estrutural alguma e nem superação efetiva do humano. O trans-humanismo, em linhas gerais, propõe que o pós-humano é o mesmo humano do humanismo clássico, “superado” por meio de acessórios [*gadgets*] tecnológico, ignorando os problemas que concernem às dificuldades de acesso a esses artefatos e o modo de produção que os engendra.

Antes de adentrarmos mais a fundo no que se quer dizer com racionalismo inumano, faz-se preciso esclarecer a ligação não só dele, mas de todas as perspectivas até agora mencionadas, com o que chamamos aceleracionismo. Essa exposição, no entanto, nos será útil para discernir a afinidade do inumanismo (ou racionalismo inumano) com um projeto aceleracionista específico: o do MAP (Manifesto for an Accelerationist Politics) publicado por Alex Williams e Nick Srnicek em 2013. Essa comparação servirá como uma porta de entrada para o aspecto intrinsecamente navegacional e politicamente de esquerda que um projeto político adequadamente alinhado com as ideias inumanistas deverá conter.

⁷ Em especial a ideia de upload da consciência. Cf. Ray Kurzweil.

Aceleracionismo é um conceito que tem se deixado enquadrar a partir de diversas perspectivas, se contamos aquelas tendências do pensamento que de uma forma ou de outra beberam da fonte da Ccru⁸. Com a publicação do Manifesto Aceleracionista por Nick Srnicek e Alex Williams, inaugura de forma declarada, o que é conhecido hoje como aceleracionismo de esquerda [*Left-AcceI*]. Enquanto a Ccru enxerga nos próprios mecanismos imanentes ao próprio Capital aquilo que mais verdadeiramente pode se chamar de revolução, e portanto se engaja em práticas hipersticionais de aceleração desses mecanismos, o aceleracionismo de esquerda propõe uma análise multi-escalar destes, livrando-os de um necessário atrelamento essencialista aos modos da produção capitalista. Esse movimento permite recuperar a possibilidade de agência consciente e humana (seja qual for a abrangência que o conceito tome aqui), sem que um destino manifesto e inescapável a coloque automaticamente em seu serviço. O aceleracionismo de esquerda é um aceleracionismo navegacional, onde o que é navegado são as próprias estruturas de organização social e política em sua inerente complexidade e disposição enganchada. Essa imagem fornecida para compreender as ações no meio social se pretende ser adequada para mapear seu alcance em níveis, local ou global, bem como a dinâmica entre esses níveis.

We may be moving fast, but only within a strictly defined set of capitalist parameters that themselves never waver. We experience only the increasing speed of a local horizon, a simple brain-dead onrush rather than an acceleration which is also navigational, an experimental process of discovery within a universal space of possibility. It is the latter mode of acceleration which we hold as essential. (SRNICEK; WILLIAMS, 2014, p. 352)

É a partir dessa ideia de um espaço universal de possibilidade suscetível à navegação, atinente ao aceleracionismo de esquerda, que podemos inserir o inumanismo racionalista enquanto um pensamento que, embora não possua filiação direta a essa perspectiva, ainda assim compartilha com ela a urgência de recuperar a agência humana. Negarestani não classifica o projeto inumanista como um projeto político por si só, mas por outro lado a investigação que esse projeto propõe acarreta numa ampliação das possibilidades de agência no plano político, juntamente com uma compreensão

⁸ Cybernetic Culture Research Unit, a unidade de pesquisa que teve lugar no departamento de filosofia da Universidade de Warwick entre 1995 e 1997, encabeçada por Nick Land e Sadie Plant mas que também contava com membros como Mark Fisher, Steve Goodman, Luciana Parisi e Robin Mackay. Cf. Ccru. Writings 1997-2003. Falmouth: Urbanomic, 2018.

adequada da estrutura social (no sentido mais amplo possível) multicamadas na qual toda agência se insere e transforma. Na perspectiva construtivista do inumanismo, o projeto iluminista é visto retroativamente como um anúncio da emergência vindoura da ideia de uma inteligência desvinculada (em um sentido diferente daquele articulado por Roden) da espécie biológica *Homo sapiens*.

Uma das teses de *Labor of the Inhuman* é a de que o inumanismo consiste na elaboração teórica e prática das consequências que se desdobram do comprometimento com o conceito de humano. Ao contrário do que o termo pode indicar, o inumanismo não é de forma alguma uma negação e/ou rejeição do humanismo, diferente das outras respostas ao projeto do Iluminismo que serão brevemente discutidas abaixo. O que se apresenta aqui como inumanismo é um empreendimento programático do auto-cultivo de uma razão que não tem, de forma alguma, a espécie humana como alicerce natural ou necessário.

Além de desvencilhar o aceleracionismo de tendências neo-reacionárias, recuperando a possibilidade de agência humana sobre essas estruturas (de maneira específica e não-voluntarista, vale dizer), o manifesto abriu espaço para uma esquerda política que se contrapõe ao que Negarestani em “*Labour of the Inhuman*” chamou de *marxismo kitsch*. O marxismo kitsch é avesso à qualquer ideia de normatividade, e sendo assim exhibe, no fundo, uma atitude hostil à própria razão como aqui a entendemos. Ao negar que sua atividade necessariamente esbarra em práticas organizadas por normas ou regras, o teórico ou militante marxista kitsch toma o humano como uma instância sedimentada que se forma através de princípios imutáveis. Ele(a) se nega o trabalho de elaboração das consequências de tomar para si o estatuto de humano, se tornando refém dos estados-de-coisas vigentes (no caso, os produtos e subprodutos do modo de produção capitalista) e opacos, assim como das normas e práticas por ele produzidas e orientadas, mantendo uma relação unilateral de consumo normativo, sem se preocupar com o subsequente acesso às normas para que se tracem estratégias de revisão e transformação.

Consumo de normas sem produção é a realidade concreta da teoria crítica marxista atual. Para toda afirmação há um conjunto preparado de “reflexos críticos”. Fazemos uma reivindicação a favor da força da razão. O marxista kitsch responde: quem decide? Dizemos: construção por meio de hierarquias estruturais e funcionais. O marxista kitsch responde: isso é controle. Dizemos: controle normativo. O marxista kitsch nos lembra do autoritarismo. Dizemos “nós”. O marxista kitsch recita “Quem é ‘nós’”? A impulsividade reativa do marxismo kitsch não pode sequer ser identificada como uma atitude cínica, uma vez que lhe falta o rigor do cinismo. Trata-se de um reacionarismo impulsivo mecanizado, que é a expressão genuína do consumismo de normas sem o comprometimento concreto com a produção de norma alguma. Consumismo de normas é outro nome para servidão cognitiva e preguiça noética. (NEGARESTANI, 2021, p.26)

O inumanismo racionalista é uma forma de superar a servidão cognitiva do marxismo kitsch, ao mesmo tempo em que se constitui como um passo anterior à possibilidade de prescrições sociais, éticas ou políticas. É só retroativamente que podemos enquadrar o inumanismo como um projeto político, uma vez que ele é antes um projeto conceitual e pragmático. Com isso, já podemos vislumbrar o ponto de toque do inumanismo racionalista com o aceleracionismo de esquerda e com o inferencialismo brandomiano: o conceito de humano é recuperado ao inseri-lo num espaço navegável de possibilidades e desdobramentos⁹, onde a agência se submete ao crivo da racionalidade normativa ao ser analisada em sua complexidade. Recuperar o humano das garras do Iluminismo enquanto um momento histórico totalizado, e ao mesmo tempo elaborá-lo prática e teoricamente de acordo com a noção de Iluminismo enquanto um projeto em curso, que não se limita à compreensão vigente no momento em que foi enunciado: esse é o objetivo do inumanismo.

Sob o ponto de vista da filosofia da mente, essa perspectiva se utiliza de um framework funcionalista, que entende os estados mentais como funções ou *programas* [*softwares*] executados por meio de um suporte material adequadamente circuitado [*hardware*]. Contudo, embora a realização dessas funções dependa de uma infra-estrutura físico-química (natural ou construída), qualquer descrição que tenha em vista dar conta da função ela mesma deve utilizar um vocabulário que abstrai a atividade realizada da estrutura que acomoda sua realização. Isso porque uma vez que a

⁹ É necessário salientar que, para uma compreensão completa do que se quer dizer aqui por navegação, faz-se preciso apontar a aliança do inferencialismo brandomiano ao raciocínio abdutivo como concebido por Charles S. Peirce. Esse tipo de raciocínio se vale de um tipo de inferência hipotética que é ao mesmo tempo contrafactual e não-monotônica. Isso quer dizer que, por meio da inserção e remoção de hipóteses formuladas, podemos obter uma visão mais ampla de consequências não-previstas, inserindo argumentos e inferências num espaço de possibilidades sujeitas a revisão, favorecendo o aspecto de descoberta e de criatividade criativas e manipuláveis.

estrutura não sobre-determina integralmente a função, sua constituição interna pode ser tomada como contingente em relação à função realizada. Sendo assim, aquilo que se apresentar como marca distintiva de seres sencientes ou sapientes somente o será em virtude de poder ser inserido no interior de uma complexa economia funcional, na qual agentes interagem em um ambiente em detrimento da infra-estrutura que suporta essa interação. Ou seja, o *hardware* possibilita a emergência de funções realizáveis por agentes que interagem num ambiente, mas a partir do momento que o objetivo é produzir uma compreensão das funções e dos modos com os quais se organizam, ele deixa de entrar como critério determinante.

Ray Brassier, outro representante do que estamos chamando de inumanismo, coloca em seu texto “Liquidar o homem de uma vez por todas” que:

Homem? Um macaco astuto. A “razão” louvada ou caluniada pela filosofia? Uma série de manobras estratégicas utilizadas por mamíferos. A humanidade cai na inteligência por um acidente da evolução. Impessoal, anônima e desinteressada, a inteligência pode encontrar suporte contingente no sistema nervoso mamífero, mas certamente não um lar. As “normas” da razão pura, não menos que o que concerne o conhecimento biológico, são perfeitamente alheias a ele. A inteligência não compartilha nem os fins do segundo, nem os interesses das primeiras¹⁰. (BRASSIER, 2009)

Isso porque “razão” aqui não é definida nos termos do suporte material de que se utiliza para emergir, ou pelo menos não por ele ser esgotada. Longe de uma abordagem habermasiana, no entanto, o racionalismo inumano não diminui a importância da constituição interna e material de tal suporte. Contudo, isso não implica em dizer que essa constituição não possa ser de algum modo submetida a mudanças e transformações, pelo contrário: o racionalismo inumano pretende apresentar as ferramentas procedimentais necessárias a um projeto político que disponha de um programa disruptivo, ou seja, que exija que aquilo que não serve mais aos propósitos de uma determinada *comunidade* seja submetido à revisão e ao subsequente descarte ou transformação. Realizada no interior da perspectiva do inumano, a crítica da imagem *perene* permitiria realizar a transcendência

¹⁰ Tradução minha. “Man? A cunning ape. The “reason” praised or slandered by philosophy? A series of strategic ploys utilised by mammals. Humanity falls on intelligence by an accident of evolution. Impersonal, anonymous, and disinterested, intelligence may find contingent support in the mammalian nervous system but certainly not a home. The “norms” of pure reason, no less than the concerns of biological knowledge, are perfectly foreign to it. Intelligence shares neither the ends of the latter, nor the interests of the former.”

de “qualquer coletivo particular na direção de uma ideal e abstrata comunidade dos que dizem nós (*we-sayers*)” (WOLFENDALE, 2019), de modo que esse objetivo perseguido não apresenta os limites e constrangimentos inerentes a uma concreção dada. Sendo ideal e abstrata, a comunidade em questão também é impessoal. Dessa forma, a humanidade é transformada de uma herança biológica em um direito que não é possuído exclusivamente pelo *Homo sapiens*, mas é conferível (cf. NEGARESTANI, 2018a p. 62), desfazendo eventuais equívocos antropocêtricos.

Sob o ponto de vista da filosofia da linguagem, o projeto inumanista assume o aparato conceitual da pragmática inferencialista de Robert Brandom. Segundo ela, o salto qualitativo e funcional da senciência para a sapiência envolve necessariamente a presença de uma dimensão social e histórica, produto da inserção de agentes nas diversas situações em que interagem com o ambiente e com outros agentes. Estas condições são ignoradas por pensamento que mantém a imediatez do Dado, como se aquilo sobre o que falamos já se apresentasse imediatamente estruturado nos quadros de referências dentro dos quais tematizamos ou mobilizamos linguisticamente essa coisa. Isso se deve ao fato de que, ao falarmos sobre as coisas, as inserimos numa rede complexa de comprometimentos normativos e de intenções, o espaço das razões.

Ser racional é estar limitado [*bounded*] ou constrangido por essas normas, estar sujeito à autoridade das razões. Dizer “nós”, nesse sentido, é nos colocar a nós mesmos e uns aos outros no espaço das razões, ao fornecer e solicitar razões para nossas atitudes e performances. Adotar esse tipo de postura prática é tomar ou tratar a nós mesmos como sujeitos de cognição e ação; pois as atitudes que adotamos em resposta aos estímulos ambientais contam como crenças apenas na medida em que podem servir como e precisar de razões, e os atos que realizamos contam como ações apenas na medida em que é apropriado oferecer e indagar suas razões¹¹. (BRANDOM. 1994, p. 5)

Assim, somente uma vez que o conteúdo pragmático do humano seja adequadamente compreendido e elaborado nos termos de suas implicações e comprometimentos subsequentes, é

¹¹ Tradução minha. “ Being rational is being bound or constrained by these norms, being subject to the authority of reasons. Saying 'we' in this sense is placing ourselves and each other in the space of reasons, by giving and asking for reasons for our attitudes and performances. Adopting this sort of practical stance is taking or treating ourselves as subjects of cognition and action; for attitudes we adopt in response to environing stimuli count as beliefs just insofar as they can serve as and stand in need of reasons, and the acts we perform count as actions just insofar as it is proper to offer and inquire after reasons for them.

possível formular prescrições que sirvam a ele. A razão, portanto, a razão coincide com o trabalho coletivo pela construção do que deve ser, apesar das restrições contingentes da natureza (o que é, ou melhor, está). É impossível, no entanto, esgotar esse trabalho de uma vez por todas, dando conta de todos os processos por ele requeridos, uma vez que a busca por uma comunidade maximamente abrangente não pode reconhecer um final. Fica impossibilitado também o conhecimento dos resultados desse trabalho de antemão, uma vez que eles não se deixam deduzir a partir de um suposto estado inicial.

O principal é ter em mente que a relação entre inteligência e inteligível requer o *trabalho* de inserir a questão que se pretende abordar (prática ou teoricamente) dentro do espaço inferencial das razões. Uma vez no interior desse espaço, uma questão, ou um conceito, se torna entrelaçado com outros, colaterais, envolvidos por sua gramática. Isto é, o uso de um conceito necessariamente faz com que o sujeito que o usa se torne comprometido com as consequências disso. Em outras palavras, o que Brandom chama de acesso à dimensão normativa é uma atividade de investigação pragmática que permite tornar explícitos os comprometimentos decorrentes do uso dos signos nos diversos jogos nos quais fornecemos e requisitamos razões para as coisas que são ditas e feitas. Voltando ao nosso objeto de investigação próprio, qual seja, o inumanismo, é possível dizer que ele figura como sendo um programa de acesso ao que é humano. Mas o processo de acesso demanda uma atitude interventiva. Sendo “humano” o conceito elaborado através desse paradigma, isso requer que adotemos novos comprometimentos (que transformam o próprio conceito) baseado na revisão de comprometimentos inferenciais anteriores que sejam julgados pertinentes ou não; no primeiro caso esses comprometimentos serão atualizados de acordo com seus desdobramentos e ramificações subsequentes, no segundo caso eles serão eliminados ou transformados.

A efetiva realização de intervenções nas formas de organização social de acordo com o que o(s) coletivo(s) entende(m) como um *bem comum* (o que necessariamente acompanha a luta pela construção da comunidade dos que dizem nós, abrangente em última instância) depende do trabalho de navegação por esses coletivos no espaço das razões. Mas também de manter como horizonte a tarefa ampliadora desse próprio espaço, de maneira a acomodar mais e mais habilidades práticas e teóricas disponíveis a quaisquer agentes que possam juntos construir tanto conhecimento quanto modos de vida. Por mais ingênua que pareça a partir dessa descrição, essa tarefa necessita, no entanto,

de tanto rigor quanto possível, na medida em que esse espaço de que falamos apresenta uma considerável e multi-nivelada complexidade nas relações entre conceitos, comprometicimentos e ações.

Todo projeto político que tenha por objetivo a mudança genuína deve entender e adaptar-se à lógica das hierarquias imbricadas que é o componente distintivo de sistemas complexos. Porque a mudança só pode ser efetuada por meio de modificações estruturais e transformações funcionais através de múltiplas camadas estruturais e níveis funcionais. Numerosas complicações surgem da distribuição de hierarquias imbricadas estruturais e funcionais. Às vezes, para se realizar uma mudança em um nível, deve-se efetuar uma modificação estrutural ou funcional em níveis aparentemente não relacionados. (NEGARESTANI, 2021, p. 40)

É a partir dessa ideia de uma rede intrincada de conexões entre dizeres e fazeres e da possibilidade de promover nela mudanças em nível local e global que o projeto inumanista apresentado em *Labor of the Inhuman* encontra sua base linguística no pragmatismo inferencialista. E é por isso que Reza Negarestani enfatiza a necessidade de uma compreensão adequada e sistemática das hierarquias estrutural e funcional em operação nas dimensões da teoria e da prática para que algo possa ser mudado dentro dessas dimensões.

Coerente com a atitude de intervenção e construção proposta em *LotI*, Negarestani critica posteriormente, em seu blog *Toy Philosophy*, aspectos de seu próprio texto com a finalidade de atualizá-los de forma condizente em seus conteúdos. O aspecto principal a ser criticado é o da primazia da dimensão substantiva da socialidade, representada pela contagem de pontos deontica enquanto método primeiro de revisibilidade de nossa própria constituição enquanto seres dotados de inteligência:

Em “O Trabalho do Inumano”, existe demasiada ênfase nas concepções brandonianas de normatividade e razão como enraizadas em tipos [*kinds*] especiais de práticas sociais. O problema é que a ideia de socialidade ou de práticas sociais para Brandom, por vezes, confunde socialidade substantiva e socialidade como uma condição formal. As ramificações dessa confusão não são nem um pouco prazerosas filosoficamente ou politicamente. Toda a noção de socialidade deve ser tratada com o máximo de cuidado, do contrário o declive ao humanismo regular é inevitável.¹² (NEGARESTANI, 2018b)

No texto supracitado começa a se delinear o ponto de divergência que caracteriza as fundamentais diferenças entre o projeto de *Labor of the Inhuman* e o de *Intelligence and Spirit*. A confusão brandoniana apontada entre socialidade substantiva e socialidade formal se baseia no fato de que a contagem-de-pontos deôntica já pressupõe de antemão o espaço das razões como um *dado*, mesmo que não o reconheça de forma explícita. Isso impõe limitações indesejáveis no processo de navegação e construção no interior desse espaço; limitações que não encontrariam fundamento algum se o próprio espaço fosse necessariamente compreendido como construível. Para encontrar a solução desse problema, Negarestani (no mesmo texto) faz uma alusão ao paradigma computacional da linguagem como forma de destituir o espaço das razões de qualquer substância que se possa conceber anteriormente à constituição de sua forma. A filosofia programática de *Intelligence and Spirit* surge como esse *upgrade* do projeto inumanista a partir da ideia de que o espaço das razões não pode ser um dado, e portanto deve poder estar sujeito à construção e reconstrução utilizando para isso o aparato formal da linguística computacional¹³. O conceito de humano passa então a ser compreendido a partir da ideia de hierarquia de tipos [*types*] computacionais sujeitos a restrições manipuláveis mas de toda forma necessárias enquanto restrições.

¹² Tradução minha. “In LoIH, there is too much emphasis on the Brandomian conceptions of normativity and reason as rooted in special kinds of social practices. The problem is that Brandom’s idea of sociality or social practices, at times, confounds substantive sociality and sociality as a formal condition. The ramifications of this confusion are not at all philosophically or politically pleasant. The whole notion of sociality should be treated with utmost caution otherwise the descent into regular humanism is inevitable.”

¹³ “O objetivo da linguística computacional é reproduzir a transmissão natural de informação ao modelar a produção do falante e a interpretação do ouvinte em um tipo apropriado de computador. Isso remonta à construção de máquinas cognitivas autônomas (robôs) que podem se comunicar livremente na linguagem natural”(HAUSSER, 1999, p. 1) Tradução minha. Isso significa que a modelagem enquanto processo adquire uma importância fundamental no tocante à formação do significado e das formas de interação. Nesse modelo, a produção do falante é tomada como input ou valor de entrada, e a interpretação do ouvinte como output ou valor de saída. A distância que existe entre os dois valores é deduzida computacionalmente.

Com relação às suas discordâncias com Roden (salvas suas concordâncias) a respeito do sentido possível de uma inteligência de algum modo pós-humana, Negarestani sustenta que qualquer descrição ou abordagem de mente ou pensamento que forneçamos, inevitavelmente deverá partir de um espelhamento com a descrição de *nossas* razões teóricas e práticas em primeiro lugar, mas isso não quer dizer que não se possa conceber (e, em última instância, *modelar*) seres inteligentes dotados de *outras* razões teóricas e práticas, significativamente diferente das nossas. O objetivo de pensar o pós-humano permanece, mas em Negarestani ele deverá ser desde o começo pensado de acordo com as restrições e possibilidades (ou recursos) necessários para sua construção. O objetivo desse método é ocasionar o confronto com visões externas de nós mesmos. Tal espelhamento “metodológico” inicial também não impede que, a partir de experimentos de pensamento e modelagem científica, formas de interação (conceitualmente, se comparadas a partir de experimentos de pensamento, ou de forma mais concreta, com autômatos modelados ou construídos, por exemplo) que nos obriguem a alterar o próprio conceito de humanidade, que assim perde progressivamente um certo teor conservador e paroquial. Isso porque, segundo o próprio, “a consciência sapiente enfraquece o papel governante de seu substrato material - seja biológico ou social”. No entanto, isso não quer dizer que um agente autômato deixe de ser um “ser limitado que não possui nem tempo de processamento de informação infinito, e nem recursos infinitos” (NEGARESTANI, 2018a, p.145). A ausência prévia de sobre-determinação das cognições teóricas e práticas possíveis, no entanto, não é algo plenamente compartilhado no âmbito da filosofia; por outro lado, se constitui enquanto premissa necessária a toda e qualquer pensamento sobre a Inteligência que não queria se submeter ao mito do Dado.

O principal objetivo atinente à continuação do projeto de Negarestani, que toma forma em *Intelligence and Spirit* embora já seja esboçado no blog Toy Philosophy, é fornecer diretrizes para a realização de meios adequados à construção, partindo da base, o próprio espaço das razões dentro do qual todas as práticas e atividades que envolvem o uso da linguagem podem ou não ser justificadas. A ideia é que o próprio espaço das razões no qual agentes dotados de mente navegam não pode ser tido como dado de antemão. Se assim o fosse, isso seria incoerente com a possibilidade de tomar a si próprio como artefato do próprio conceito, inerente a seres dotados de mente. Todo conhecimento, e isso inclui as dimensões prática e teórica, para se constituir como tal, deve poder ser reconstruído racionalmente de baixo para cima. Todo conhecimento pensado de acordo com esses princípios pressupõe que conhecer é equivalente a poder realizar a *reconstrução* daquilo que se

conhece, uma vez que não há representação que não se manifeste desacompanhada de sua forma (construída) de representação. Como consequência disso, devemos enxergar a *própria objetividade* como não-dada e intersubjetivamente *construída*.

Segundo Negarestani, no que diz respeito à constituição de agentes racionais, a síntese das sensações pode ocupar lugares diferentes no interior da organização ou hierarquia funcional construída a partir da socialidade formal dos agentes. A dimensão natural e material posiciona restrições das possibilidades de construção de um sujeito da experiência, formado não por heteronomia completa, mas com uma autonomia relativa a essa dimensão. Práticas e atividades sociais, ou seja, toda e qualquer situação que envolva linguagem, possuem um caráter fundamentalmente normativo que pode ser acessado e intervencionado através de um determinado conjunto de outras práticas. No entanto, a condição de possibilidade dessas práticas, assim como do espaço onde elas se organizam, não pode ser dada enquanto uma outra prática ou outro conjunto de práticas. A dinâmica desse "jogo" (que pode ser melhor entendido como um conjunto aberto de múltiplos jogos) é função das consequências dos comprometimentos assumidos por aqueles que o jogam, e de sua relação com os pressupostos que sustentam a própria consistência do jogo.

Negarestani atribui ao processo de *interação* a capacidade de fazer a ponte da sintaxe para a semântica, e assim, por consequência, a de fazer emergirem normas que orientam o comportamento linguístico daqueles que estão envolvidos em virtude da própria interação. É possível perceber daí a insuficiência que Negarestani atribui à dimensão substantiva da socialidade, explorada por Brandom e por vezes confundida por ele com a dimensão formal, e segundo Negarestani. Isso se dá devido ao fato de que pensar a socialidade como um substrato delimita o espaço das razões de antemão. O conceito de razão reivindicado pelo inumanismo é dotado de espontaneidade conceitual e autonomia formal que excede os limites impostos pelos paradigmas representacionista e referencialista. O programa de construção de uma Inteligência Artificial Geral coincide com a visão de que sistemas transcendentais não se limitam às necessidades e funções do sujeito aperceptivo. A

própria interação linguística e normativa entre agentes racionais é prioritária às formas de representação de mundo, pois tais formas só serão modeladas a partir da interação.¹⁴

Uma pedagogia inumanista nos moldes de I&S é calcada na necessidade de ampliação do espaço de cognição e reconhecimento no qual os agentes se inserem. Para pensar a questão da educação em Intelligence and Spirit, é necessário ter em mente que, por consequência da veia hegeliana dessa obra, o termo *Bildung* é extremamente relevante. Isso porque a palavra alemã quer dizer tanto "educação" quanto "formação". A *Bildung* é o processo por meio do qual a consciência-de-si é desenvolvida, e o sujeito formado. Existe uma relação intrincada de sobreposição entre o que um agente sabe e o que ele consegue fazer, relação esta que é fundamental para pensar a transformação do próprio ser do agente. A educação proporciona a aquisição de novas cognições teóricas e práticas, e é por conta das possibilidades ilimitadas de funcionalidade dessas cognições que esse processo não reconhece um fim. Torna-se então urgente apontar para as consequências da reformulação e do resgate dos conceitos de razão, inteligência e educação. E mostrar que o desenvolvimento do curso da inteligência depende de uma atitude catastrófica de revisão contínua de como ela própria se concebe. Para isso, é extremamente necessário reforçar que todo esse processo se realiza dentro do espaço das razões, ao mesmo tempo que o cria, e por isso nunca será individual e nem natural: a inteligência é coletiva, social e histórica.

Para superar e ultrapassar o presente momento no qual nos encontramos, que, segundo Negarestani, pode ser denominado como a pré-história da Inteligência, é exigido um esforço que se manifesta em interações entre agentes que lutam pela crescente e contínua ampliação das próprias formas de interação, pela abrangência cada vez maior de possibilidades de organização dentro de uma comunidade universal. Embora universal, o elo dessa comunidade seria a compulsão prometeica de se apropriar dos meios de criação, revisão, transformação, e até mesmo, se necessário, o descarte de mundos, exercendo, assim, plenamente sua liberdade qua expansão da inteligibilidade, como o processo de aumento das possibilidades do que pode ser pensado e feito. Tal concepção de Inteligência, para Negarestani, necessariamente se desencadeia na questão ética por excelência: a

¹⁴ É na lúdica que se encontra o aparato lógico para lidar com essa necessidade de dar conta das dimensões formal e "genética" (se é que podemos chamar assim) da forma da socialidade, no entanto, apesar de sua pertinência à forma como a interação é aqui tratada, uma exposição técnica detalhada dessa lógica fugiria ao escopo do artigo. Jean-Yves Girard, importante nome dessa área, já é rapidamente mencionado em *Labor of the Inhuman*, porém é somente no sétimo capítulo de Intelligence and Spirit que a lúdica assume uma importância central no que se refere aos recursos técnicos necessários para analisar a formação da socialidade sob a ótica da interação.

questão do Bem. A dimensão autodenominada “catastrófica” do racionalismo proposto por Negarestani diz respeito a um conceito de razão que está constantemente procurando se libertar de limitações anteriores, num movimento em direção ao Absoluto. Necessário salientar que não é de uma liberdade negativa que se fala, no sentido de estar livre de algo, mas uma positiva, no sentido de estar livre para algo. Liberdade coincide com poder estar apto a realizar determinada função, seja ela qual for, dentro de uma comunidade de agentes, tendo . Nesse sentido, como posto por Reza em "The Labor of the Inhuman", liberdade e inteligência são o mesmo.

REFERÊNCIAS:

- BRANDON, Robert. **Making it Explicit**. Harvard: Harvard University Press, 1994.
- BRASSIER, Ray. “**Liquidate Man Once and for All**”. Disponível em: <https://ossz2vasz4.wordpress.com/2018/11/15/liquidate-man-once-and-for-all-2005/> (Acessado em 20 de agosto de 2020.), 2005.
- HAUSSER, Roland. **Foundations of Computational Linguistics**. New York: Springer, 1999.
- NEGARESTANI, Reza. “**O Trabalho do Inumano**”, trad. J-P Caron . Zazie Edições, 2021.
- _____. **Intelligence and Spirit**. Padstow: Urbanomic, 2018a
- _____. “**Some clarifications on the Inhuman**”. Disponível em: <https://toyphilosophy.com/2018/04/09/some-clarifications-on-the-inhuman/> (Acessado em 20 de agosto de 2020.), 2018b.
- RODEN, David. **Posthuman Life**. New York: Routledge, 2015.
- SELLARS, Wilfrid. *Philosophy and the Scientific Image of Man*. In: **In the Space of Reasons**. Ed: SCHARP, Kevin; BRANDON, Robert. Massachusetts: Harvard University Press, 2007.
- SRNICEK, Nick ; WILLIAMS, Alex. *Manifesto for an Accelerationist Politics*. In: **#ACCELERATE# The Accelerationist Reader**. Urbanomic: Padstow, 2014
- WOLFENDALE, Peter. **The reformatting of homo sapiens**. *Angelaki* ed. 24 (1) p. 55-66. UK: Routledge, 2019.